

CADERNOS

IBRI

_série sustentabilidade
Os Investimentos Responsáveis
e os desafios para o RI

2





Instituto sem fins econômicos, criado em 1997, está presente em São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Sul e Nordeste, congrega diversos RIs ligados às principais companhias abertas do País, com o objetivo principal de valorizar o profissional e a área de Relações com Investidores.

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Presidente

Luiz Fernando Rolla

Vice-Presidentes

Geraldo Soares

Julia Reid Ferretti

Conselheiros

André Luiz Gonçalves

Arthur Farme d'Amoed Neto

Dóris Beatriz França Wilhelm

Edina Biava

Luciana Ferreira

Vitor Fagá de Almeida

DIRETORIA EXECUTIVA

Diretor-Presidente

Ricardo Florence dos Santos

Vice-Presidente e Diretor Regional SP

Diego Barreto

Diretor Regional MG

Diogo Dias Gonçalves

Diretor Regional RJ

Carlos Affonso d'Albuquerque

Diretora Regional Sul

Solange Elizabeth Maueler Gomide

COMISSÃO DE SUSTENTABILIDADE DO IBRI

Coordenador

Marco Antonio Fujihara

Membros

Arleu Anhalt

Diogo Dias Gonçalves

Edina Biava

Elizabeth Piovezan Benamor

Emerson Drigo

Ricardo Florence

Roberto Gonzalez

Sandra Stacioni Saito

Viviane Behar de Castro

Wilson K. Amarante

Elaboração a partir de dados primários da Keyassociados, com a colaboração dos seguintes consultores:

- Rafael Oliveira
- Martin Studte
- Daniela Alves
- Viviane Ricardo



Apresentação

O IBRI (Instituto Brasileiro de Relações com Investidores) preparou o “Caderno - Série Sustentabilidade – Os Investimentos Responsáveis e os desafios para o RI”. O caderno é o segundo da série de publicações que abordam temas relacionados ao mercado de capitais e buscam, de forma didática e objetiva, apresentar conceitos fundamentais para o aprimoramento do Profissional de RI.

A sustentabilidade tem se destacado cada vez mais como tema de grande relevância dentro das Relações com Investidores, exigindo assim que o profissional assuma novas responsabilidades.

A publicação foi produzida pela Comissão de Sustentabilidade do Instituto, criada em 2007. E contou, também, com a colaboração dos membros do Conselho de Administração e da Diretoria Executiva. Que a leitura desse Caderno possa despertar não apenas nos RIs, mas em todos os profissionais do mercado o desejo de se engajar em projetos socialmente sustentáveis.

Boa Leitura!

Luiz Fernando Rolla

Presidente do Conselho de Administração

Ricardo Florence

Diretor-Presidente



Índice

Introdução

- 1 O que é integração?
 - 2 *Screenings*
 - 3 *Key Performance Indicators* (KPIs)
e Análise Setorial
 - 4 Ferramenta de Análise ESG
 - 5 Análise de Riscos ESG
 - 6 A Linguagem da Sustentabilidade
 - 7 Conclusões
- Glossário – Conceitos
- Referências

Introdução

Investimentos Socialmente Responsáveis (SRI) são estratégias de investimentos que consideram, juntamente com análises econômico-financeiras, fatores de desempenho ambiental, social e de governança corporativa (na sigla em inglês ESG – *Environmental, Social and Governance* ou em português ASG – Ambiental, Social e Governança) na tomada de decisão. Esses fatores, que representam o tripé da sustentabilidade, ou como é mais conhecido – TBL – *Triple Bottom Line* – são alvo do crescente interesse dos investidores, demandando reflexões por parte das empresas, especificamente na área de Relações com Investidores (RI).

Iniciativas internacionais como o *Enhanced Analytics Initiative* (EAI) estruturaram formas para proporcionar a introdução de fatores ESG nas pesquisas elaboradas pelos diferentes investidores. Empresas membros do EAI concordaram em alocar uma fatia do orçamento com corretagem para que estes *players*, as corretoras de valores, desenvolvessem ferramentas para integrar fatores ESG nas suas pesquisas econômico-financeiras. Atualmente se discute um mecanismo deste tipo para o Brasil, onde a análise ESG ainda não é amplamente considerada em recomendações financeiras. Desta maneira, quando esta iniciativa se consolidar no mercado, os analistas irão demandar informações relevantes sobre o desempenho ESG das empresas. A principal fonte de informações e canal de comunicação das corporações é a sua área de Relações com Investidores (RI). Estes profissionais deverão estar preparados para responder aos questionamentos dos analistas e investidores.

Assim, este material apresenta conceitos e metodologias relacionados com Investimentos Responsáveis, com o processo de **Integração** e dá um panorama sobre o caminho de adequação dos investidores brasileiros aos Princípios de Investimentos Responsáveis, em inglês Principles of Responsible Investment (PRI), iniciativa internacional de investidores institucionais em parceria com a iniciativa financeira da UNEP e do Pacto Global das Nações Unidas.

1

O que é Integração ?



O objetivo da **Integração** é adicionar uma pesquisa com profunda análise ambiental, social e de governança corporativa (ESG) à análise de investimentos. Isto proporciona, como resultado, uma maior abrangência de informações na tomada de decisão. Um fator determinante é que a análise ESG tem de ser financeiramente viável. Agregar fatores diferenciados não visa dificultar ou mesmo desfazer negócios (aplicações, investimentos, aquisições, etc.). Objetiva, isso sim, uma responsabilidade diferenciada sobre esses negócios. A análise deve trazer novidades e favorecer projeções, e não somente apontar dificuldades e cenários restritivos.

Quando bem entendido este cenário, essas novas solicitações poderão se tornar uma fonte de oportunidade para as empresas mostrarem seus desempenhos diferenciados e geração de valor a longo prazo. Será, provavelmente, mas não isoladamente, responsabilidade da área de RI prestar o apoio necessário para que esta análise de Integração seja a mais realista possível. Os atuais relatórios de sustentabilidade trazem boa parte das informações necessárias sobre ESG, porém, algumas análises podem demandar detalhes mais específicos.

Em termos mais finalistas, Integração significa caminhar para o gerenciamento de riscos em ESG, bem como a identificação potencial de ganhos na visão do longo prazo, pois uma prática avançada da gestão em sustentabilidade nas empresas investidas é um sinal de alta qualidade da gestão em si. Na prática, essa avaliação diferenciada pode proporcionar a detecção de riscos e oportunidades ESG, influenciando de maneira decisiva, por exemplo, nos momentos da recomendação para “compra”, “manutenção” ou “venda” de uma empresa.

Assim, é preciso que o desempenho das dimensões ESG faça sentido financeiramente. Elas precisam ser traduzidas para a linguagem do mercado financeiro. Hoje, o principal desafio é fazer com que as empresas forneçam esse tipo de dado quantitativo nos relatórios de sustentabilidade, no relatório anual ou mesmo na comunicação com os investidores, e que os analistas sejam capazes de introduzir os fatores ESG em suas avaliações e modelos.

Porém, antes de executar cálculos, o investidor responsável precisa começar identificando e definindo os elementos que irão compor a estratégia de investimento responsável. Isto pode ocorrer pela introdução de *screenings* ou filtros de triagem (triagem negativa ou positiva), chegando até a definição do processo de engajamento nas empresas investidas. De toda maneira, no início é importante que seja definida uma tática clara de como enfrentar o desafio de analisar o volume de novas informações, na grande maioria não financeiras, que serão geradas.

2



Screenings

O *screening*, ou filtro de triagem, é um método que visa a identificar setores ou empresas diferenciadas, podendo enfatizar os destaques positivos e/ou os aspectos negativos pela ótica do desenvolvimento sustentável. A estratégia de *screening* pode ser aplicada como uma primeira reflexão na tomada de decisão para assegurar que os investimentos se encontram dentro de pré-requisitos ESG. Assim, novamente, a empresa precisará passar uma boa referência em relação a compromissos e forma de gestão ESG. Das triagens usualmente aplicadas, daremos destaque para duas, descritas a seguir.

A triagem positiva identifica e seleciona empresas de destaque em setores que contribuam para a chamada “Economia Verde” (*CleanTech*, setor florestal, tecnologias de baixo carbono etc.), além de outros setores que valorizam o desenvolvimento sustentável. Parte deste universo positivo ganha acentuado destaque, compondo as chamadas empresas “*Best-in-Class*”. Basicamente, são aquelas que apresentam inovações tecnológicas, bem como práticas ESG avançadas, com notório reconhecimento.

Abaixo, lista setores com ligação a “negócios verdes” e práticas de destaque que comprovam o compromisso com a sustentabilidade.

Áreas de Negócios	Energias renováveis
	<i>GreenTech</i> – Tecnologias ambientais (efluentes, serviços, resíduos etc.)
	<i>Green Banking</i> – Institutos financeiros com foco no desenvolvimento sustentável
	Pesquisa científica, de ciências naturais ou de medicina
Práticas de Negócios	Setor florestal
	Práticas SRI – Mercado financeiro
	Compensação dos Gases de Efeito Estufa (GEE)
	Matriz de energias renováveis
	Transparência das atividades
	Investimento em atividades de pesquisa básica
	Liderança em tecnologia ou prática
Prêmios para ações relacionadas à sustentabilidade	

Na triagem negativa, os setores com alguma restrição ou com maior risco reputacional envolvido podem ser definidos em diferentes graus, dependendo do rigor do filtro aplicado, como exemplificado a seguir.

Rigidez do filtro aplicado	Práticas/setores exemplificados
Filtro básico: Assuntos polêmicos e controversos	Produtos organoclorados Violações de direitos humanos
Filtro rígido: Setores com questionável contribuição para o desenvolvimento sustentável	Envolvido com setor militar/bélico Energia nuclear

3



Key Performance Indicator's (KPIs) e Análise Setorial

Dependendo do setor de atuação, as empresas são confrontadas com uma vasta gama de temas ligados ao desenvolvimento sustentável, que podem ser trabalhados internamente e reportados aos públicos interessados (*stakeholders*). No entanto, é esperado que esses temas reflitam, se não integralmente, ao menos de maneira significativa, os principais impactos econômicos, sociais e ambientais das empresas. E mais, esses temas selecionadas podem ser integrados na tese de investimento dos investidores responsáveis, visando a criar valor com abordagem sustentável.

Qualquer gestão de sustentabilidade efetiva nas empresas e, posteriormente, a estratégia de comunicação, começam pela definição de temas materiais e relevantes a serem trabalhados. Estes poderão ser traduzidos ou individualizados na forma de indicadores-chave de *performance* (no inglês, KPI). Na tabela abaixo é replicado um quadro com as recomendações aos investidores da *European Federation of Financial Analysis Societies* (EFFAS) em conjunto com a *Society of Investment Professionals in Germany* (DVFA) sobre seis temas materiais, para cinco setores de maior interesse. Cada empresa tem que identificar os temas materiais do próprio negócio dentro do contexto do país, pois analistas e investidores buscam, cada vez mais, identificar estes KPIs que de fato têm influência no resultado das empresas. De acordo com as duas associações europeias citadas, os temas materiais, por setor, mais recorrentes se baseiam em torno dos macrotemas energia, ecoeficiência, recursos humanos, gases de efeito estufa, satisfação do cliente, dentre outros temas.

Setor	Mineração	Óleo e Gás	Logística	Energia	Serviços Financeiros
Temas materiais:	Eficiência	Eficiência	Eficiência	Eficiência	Gases de Efeito
	Energética	Energética	Energética	Energética	Estufa
KPIs	Gases de efeito estufa	Gases de efeito estufa	Gases de efeito estufa	Gases de efeito estufa	Gerenciamento de recursos humanos
	Gerenciamento de recursos humanos	Gerenciamento de recursos humanos	Gerenciamento de recursos humanos	Gerenciamento de recursos humanos	Corrupção
	Uso da água/ efluentes	Corrupção	Intermodalidade	Corrupção	Inovação
	Resíduos	Inovação	Resíduos	Inovação	Satisfação do cliente
	Remediação	Acidentes e vazamentos de óleo e gás	Inovação (com-bustível, frota etc.)	Emissões	Critérios ESG/SRI

Após identificar os KPIs materiais de cada setor o analista vai identificar o posicionamento estratégico desse setor no mercado. Neste contexto o Brasil, como país emergente, está em processo de rápidas transformações que atingem as indústrias e favorecem modelos de negócios que conseguem se beneficiar dessas mudanças, como mudanças no perfil demográfico ou de distribuição de renda. Sendo assim, a presença no dinâmico mercado brasileiro e recursos específicos de maior benefício competitivo das empresas (liderança tecnológica, marcas fortes, entre outros) podem oferecer melhores taxas de crescimento orgânico. Todos estes critérios serão informações de valor elevado para analistas financeiros e assim deviam estar no radar da área de RI.

Para incluir esse foco de longo prazo na agenda da comunicação corporativa é importante focar em mudanças no sistema legislativo e regulador. Essas mudanças podem ser iniciadas pelo governo ou pela autorregulamentação por meio de acordos setoriais ou por iniciativas voluntárias. Parte decisiva para a adaptação das empresas a estas mudanças são fatores tecnológicos, padrões industriais, investimentos na infraestrutura, por exemplo, ou atuais acontecimentos como eventos climáticos extremos, processos de violação de direitos humanos entre outros. Esses temas, assim como análises de mercado, estratégias de entrada, estratégias de crescimento ou desenvolvimento de novos produtos, muitas vezes não fazem parte da comunicação empresarial pública estabelecida, porém uma atitude proativa da área de RI pode trazer essa visão de informações mais sensíveis de maneira adequada para analistas e investidores.

A gestão para a sustentabilidade pressupõe a adoção de melhores práticas, reconhecidas internacionalmente, além de ferramentas adequadas à realidade das corporações.



4



Ferramentas de Análise ESG

Há três principais abordagens para medir a maturidade da sustentabilidade dentro das corporações. Os índices de sustentabilidade das empresas listadas em Bolsa de Valores, no qual o Índice de Sustentabilidade Empresarial da BM&FBovespa (ISE) ou *Sustainability Index* da Dow Jones (DJSI) são as mais usuais referências, pois selecionam empresas com melhores práticas por meio de um questionário anual.

Outra abordagem são as agências ou casas de avaliação com *rating* em sustentabilidade, das quais a maioria atua na Europa, o que dificulta o acesso a informações sobre empresas nacionais. Por fim, a última abordagem encontrada é aquela em que os próprios tomadores de decisão desenvolvem suas metodologias de avaliação e análise. Este é justamente o movimento que vem ocorrendo. Cada vez mais os *players* envolvidos estão buscando formas de internalizar estas avaliações, pois assim criam diferencial competitivo no seu setor de atuação. A figura abaixo descreve algumas propriedades das ferramentas disponíveis.



Avaliar os riscos ambientais, sociais e de governança corporativa, visando as oportunidades de forma estratégica, demonstra a responsabilidade das corporações ao gerar negócios.

5

Análise de Riscos ESG



Uma matriz – de riscos e oportunidades – é uma importante ferramenta de avaliação das empresas e serve como uma das bases de decisão para as recomendações ESG de “comprar”, “manter” e “vender”. Essa consideração sistemática dos KPIs fundamentais, analisados por investidores e analistas, pode levar a uma *performance* diferenciada do portfólio, trazendo maiores retornos, em decorrência de menor oscilações, ou maior valor agregado, por conta de incrementos em itens “intangíveis”, como marca e reputação.

Riscos são fatores que realmente importam para o *business* dos *players* em investimento. Portanto, nessa fase de análise os KPIs e ESG identificados como cruciais e estratégicos são ponderados também por fatores como risco-país, o setor ou natureza dos produtos, além de fatores legislativo/regulatório, como ilustra a a seguir.

Matriz de Riscos e Oportunidades ESG				
Componente XYZ	Fator Operacional	Fator legislativo e de regulamentação	Fator legal	Fator reputação e consumidor
Contexto Setorial				
Benchmarking no Setor				
Realidades / Riscos Encontrados				
Medidas da Companhia				

A empresa, como comunicadora dos seus riscos, deve ter consciência sobre os acontecimentos gerais dentro do setor industrial. Também pode ser útil saber o que faz o líder no segmento (*benchmark*), que pode ser identificado, por exemplo, pela participação nos índices ISE ou DJSI (aspectos que serão avaliados pelos analistas financeiros). Por fim, além de relatar os riscos reais, deve-se procurar mostrar como a empresa efetivamente é capaz de entender os riscos relacionados ao negócio e como eles são enfrentados.

QUAL É A ESTRATÉGIA DA EMPRESA?

Esta última avaliação das medidas da empresa é de extraordinário valor para encontrar os *drivers* de sustentabilidade, como novas oportunidades no mercado – economia de baixo carbono, sejam setores com demandas não atendidas, por exemplo. São as empresas que relatam sobre KPIs materiais olhando para frente, colocando a sustentabilidade no *core business*, que oferecem a perspectiva de maiores ganhos e geração de valor no longo prazo.

6

A linguagem da Sustentabilidade



Nem sempre o público financeiro tem afinidade com a linguagem de sustentabilidade, e vice-versa. O que leva à reflexão de como fatores de sustentabilidade, muitas vezes qualitativos e intangíveis, podem ser traduzidos em linguagem financeira. Tal tradução deve facilitar o entendimento de que fatores ESG têm sim efeitos calculáveis, com reflexos, principalmente, no valor total da empresa ou no valor de suas ações.

O RI exerce um papel fundamental no processo de transição para desenvolvimento sustentável, demonstrando os valores da sustentabilidade corporativa aos investidores.

Em uma situação hipotética, para ilustrar o raciocínio, uma empresa consegue diminuir o consumo de energia, por meio de um programa de eficiência, em 10%. Esta redução impacta diretamente nos custos operacionais e, conseqüentemente, no resultado da empresa. Com essa melhora de *performance*, e após remunerar o custo do capital investido, é possível determinar o valor adicionado pela realização do programa de eficiência energética.

Um importante desafio relacionado à competência dos RIs de empresas que fazem parte dos índices de sustentabilidade é identificar em sua base de investidores os fundos e as equipes dedicadas que avaliam e estudam os critérios de SRI das empresas e, ainda mais, estabelecer uma agenda com estes investidores para apresentação, acompanhamento e avaliação mais próxima das práticas de sustentabilidade da companhia. Outro grande desafio para a área de RI é entender quais fatores ESG da empresa podem ser trabalhados para gerar informações que auxiliem os analistas. Para estes analistas a forma da comunicação dos resultados não financeiros é fundamental para que seja entendido com clareza o ponto sinalizado pela empresa. Isto pode demandar das áreas de RI das empresas uma preparação mais técnica, visando a esses questionamentos diferenciados sobre a atuação e o desempenho em assuntos focados em ESG.

Atuar no contexto dos investimentos socialmente responsáveis pode demandar uma comunicação das áreas de RI além dos caminhos tradicionalmente estabelecidos, com formas de disclosure diferenciadas. As recomendações dos investidores deverão incluir avaliações sobre o desempenho ESG das empresas de interesse de maneira precisa, contendo informações específicas para o setor. Atualmente, poucas empresas conseguem demonstrar esta relação direta. Identificar essa causa-efeito e relatá-la pode se constituir como um importante avanço, com a sustentabilidade dentro do *core business* da empresa.

7



Conclusão

Constatamos que, hoje em dia, são poucos investidores que buscam especificamente informações sobre o desempenho socioambiental nas áreas de RI, além das informações que já estão disponíveis nos relatórios anuais ou de sustentabilidade, ou, na sua forma de relato mais avançado, nos relatórios integrados. Essa solicitação de informações não financeiras deve aumentar com o crescente nível de integração dos fatores ESG na análise fundamentalista.

Certamente alguns pontos críticos irão aparecer ao longo do processo de Integração. A proposta envolvida com Investimentos Responsáveis funciona, dentre outras, para colaborar com a qualidade na tomada de decisão e no tipo de informação disponível pelas empresas.

Alguns analistas e investidores acreditam que diretrizes mais restritivas propostas pelos Investimentos Responsáveis podem provocar uma redução na diversificação do portfólio de investimento, inclusive contrariando as obrigações fiduciárias. Para esta argumentação vale ressaltar que a ideia envolvida com Investimentos Responsáveis é basicamente o oposto. É sim proporcionar a identificação de riscos não antes identificados nas empresas, que poderão trazer as melhores respostas para os desafios futuros alinhados com o desenvolvimento sustentável.

Com isto, a área de RI poderá se tornar a linha de frente das informações diferenciadas para estes analistas. Caberá às empresas e às suas áreas de RI serem claras em relação às informações prestadas ao mercado, conversando estreitamente com os relatórios de sustentabilidade, por exemplo.

A essência de todo este movimento de Investimentos Responsáveis é justamente incentivar a economia real, adaptando cada vez mais os compromissos das empresas com os compromissos com sustentabilidade – e em contrapartida os investidores recebem um retorno com menor exposição a riscos – e as empresas maiores benefícios no mercado no longo prazo.

As áreas de RI deverão estar preparadas para um crescente questionamento sobre informações diferenciadas, pautadas não apenas em desempenho financeiro. Deverão incorporar as percepções de sustentabilidade da visão estratégica em suas divulgações e deverão estar atentas aos potenciais riscos de exposição aos quais as empresas poderão se envolver.

Glossário e abreviações

Best-in-class: Classificação que se propõe a relacionar quais são as empresas com melhor desempenho em sustentabilidade, conforme o setor.

Business case: Estudo de caso de uma empresa, relatando as práticas e ganhos em sustentabilidade.

CleanTech: Área de negócio que está focada em tecnologias limpas ou que promovam a qualidade ambiental.

Core business: Principal negócio da empresa.

Dow Jones Sustainability Index – DJSI: Índice de sustentabilidade da Bolsa de Valores de Nova York (New York Stock Exchange).

Drivers: Pilares, motivadores ou forças de pressão em determinados setores.

Economic Value Added – EVA@: Em português, valor econômico adicionado. É o valor que agrega riqueza aos acionistas e está baseado na premissa de que para criar valor, as empresas devem gerar retornos sobre o capital investido que excedam o custo deste capital.

Enhanced Analytics Initiative (EAI)1: Iniciativa pioneira que serve como importante ponto de reflexão para as discussões sobre a integração de critérios diferenciados nas análises de investimentos.

ESG – Environmental, Social and Governance: Termo em inglês para questões ambientais, sociais e de governança corporativa, base para a discussão de análises diferenciadas de investimentos.

European Federation of Financial Analysis Societies (EFFAS): Federação europeia relacionada com análise financeira de empresas.

Índice de Sustentabilidade Empresarial – ISE/BM&FBovespa: Índice da Bolsa de Valores, Mercadorias e Futuros, cuja composição, revista anualmente, abrange valores mobiliários emitidos pelas empresas melhor avaliadas em um questionário que envolve as dimensões Social, Ambiental, Econômica e de Governança do desempenho dos postulantes.

Key performance indicator – KPI: Indicadores-chave ou indicador com bastante relevância.

Players: Atores ou partes interessadas relacionadas com determinado setor de negócio.

Princípios para Investimentos Responsáveis – PRI2:

Os princípios de responsabilidade social e de governança nos investimentos foram desenvolvidos por um grupo internacional de investidores institucionais, a fim de refletir sobre a importância crescente de questões ambientais, sociais e de governança corporativa para as práticas de investimento. Este processo foi conduzido a convite do Secretário Geral das Nações Unidas.

Relatório integrado: Relatório que integra informações não financeiras (relatório de sustentabilidade) no relatório anual.

RI: Relações com Investidores.

Society of Investment Professionals in Germany (DVFA):

Sociedade alemã de investidores profissionais.

SRI: Socially Responsible Investment é um conceito que envolve os diversos provedores de serviços financeiros na concepção e desenvolvimento de metodologias e abordagens para realizar o “valuation” no gerenciamento de recursos considerando critérios socioambientais e de governança corporativa (ESG)³.

Stakeholders: Partes interessadas.

United Nations Environmental Program – UNEP4:

Programa das Nações Unidas direcionado para a discussão de questões relacionadas com meio ambiente.

Referências

Bellagio Forum, Eurosif (2005): "PRIME Toolkit: PRIMER FOR RESPONSIBLE INVESTMENT MANAGEMENT OF ENDOWMENTS", The European Social Investment Forum (Eurosif), Bellagio Forum for Sustainable Development, in cooperation with the European Foundation Centre (EFC).

CFA Institute (2008): "Environmental, Social, and Governance Factors at Listed Companies: A Manual for Investors", CFA Institute Centre for Financial Market Integrity.

DVFA, EFFAS (2010): "KPIs for ESG 3.0" DVFA Society of Investment Professionals in Germany in conjunction with EFFAS European Federation of Financial Analysts Societies.

Jaworski, W. / ECCE (2007): "USE OF EXTRA-FINANCIAL INFORMATION BY RESEARCH ANALYSTS AND INVESTMENT MANAGERS", ECCE – European Centre for Corporate Engagement.

The Goldman Sachs Group, Inc. (2010): "Crossing the Rubicon: Our investment framework for the next decade (executive summary)", Goldman Sachs Global Investment Research.

UNEP FI, Mercer (2007): "Demystifying Responsible Investment Performance: A review of key academic and broker research on ESG factors", A joint report by The Asset Management Working Group of the United Nations Environment Programme Finance Initiative and Mercer.

WBCSD, UNEP FI (2010): "Translating ESG into sustainable business value: Key insights for companies and investors", Report from an international workshop series of the WBCSD and UNEP FI.

Yachnin Associates, CorporateKnights (2006): "The sdEffect: Translating sustainable development into financial valuation measures", Yachnin & Associates and Sustainable Investment Group / CorporateKnights / National Round Table on the Environment and the Economy.

i PRI Enhanced Research Portal. Disponível em: <http://www.unpri.org/research/>

ii Princípios para Investimentos Responsáveis – PRI. Disponível em: <http://www.unpri.org/principles/portuguese.php>

iii Eurosif. European SRI Study 2010.iv UNEP. Disponível em: <http://www.unep.org/>

Patrocínio:



THE **MEDIA GROUP**

COMUNICAÇÃO DE VALOR



Instituto Brasileiro de Relações com Investidores

tel.: [11] 3106 1836 | www.ibri.com.br | ibri@ibri.com.br